

## O PESO INVISÍVEL: SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO NEGRA EM PERSPECTIVA

### THE INVISIBLE BURDEN: MENTAL HEALTH OF THE BLACK POPULATION IN PERSPECTIVE

### LA CARGA INVISIBLE: LA SALUD MENTAL DE LA POBLACIÓN NEGRA EN PERSPECTIVA

Francisco José Pascoal Ribeiro Júnior<sup>1</sup>  
Hérika Juliana de Araújo Lucena<sup>2</sup>

**RESUMO:** A saúde mental da população negra é um tema relevante que reflete os impactos históricos e sociais do racismo estrutural sobre o bem-estar psicológico. Este estudo tem como objetivo analisar os fatores que influenciam a saúde mental dessa população, destacando as barreiras de acesso aos serviços de saúde e os desafios enfrentados no enfrentamento do adoecimento psíquico. Trata-se de uma revisão integrativa baseada em artigos científicos e documentos institucionais publicados nos últimos 5 anos, com enfoque nos determinantes sociais da saúde e na influência do racismo no sofrimento psíquico. Os resultados evidenciam que a população negra enfrenta maiores índices de transtornos mentais, como depressão e ansiedade, devido à exposição a desigualdades socioeconômicas, discriminação racial e violência institucional. Além disso, há uma subnotificação desses casos e uma menor adesão aos tratamentos disponíveis, frequentemente associados à falta de representatividade e preparo dos profissionais de saúde para lidar com questões raciais. A conclusão aponta para a necessidade de políticas públicas mais eficazes na promoção da equidade em saúde, além de estratégias para ampliar a sensibilização dos profissionais e fortalecer o suporte psicossocial.

**Palavras-chave:** Saúde da população. Transtornos mentais. Desigualdades étnicas.

---

<sup>1</sup> Psiquiatra, Mestre e Doutor, Professor da UNIRIO.

<sup>2</sup> Psiquiatra, Mestre e Doutoranda pela USP-SP.

**ABSTRACT:** The mental health of the Black population is a relevant issue that reflects the historical and social impacts of structural racism on psychological well-being. This study aims to analyze the factors influencing the mental health of this population, highlighting barriers to accessing healthcare services and the challenges involved in addressing mental illness. This is an integrative literature review based on scientific articles and institutional documents published over the last five years, focusing on the social determinants of health and the influence of racism on psychological distress. The findings indicate that the Black population experiences higher rates of mental disorders, such as depression and anxiety, due to exposure to socioeconomic inequalities, racial discrimination, and institutional violence. Furthermore, these cases are often underreported, and adherence to available treatments is lower, frequently associated with the lack of representativeness and insufficient training of healthcare professionals to address racial issues. The study concludes that more effective public policies are needed to promote health equity, as well as strategies to increase professionals' awareness and strengthen psychosocial support.

**Keywords:** Population health. Mental disorders. Ethnic inequalities.

**RESUMEN:** La salud mental de la población negra es un tema relevante que refleja los impactos históricos y sociales del racismo estructural sobre el bienestar psicológico. Este estudio tiene como objetivo analizar los factores que influyen en la salud mental de esta población, destacando las barreras de acceso a los servicios de salud y los desafíos enfrentados en el abordaje del sufrimiento psíquico. Se trata de una revisión integradora de la literatura basada en artículos científicos y documentos institucionales publicados en los últimos cinco años, con énfasis en los determinantes sociales de la salud y en la influencia del racismo sobre el sufrimiento psicológico. Los resultados evidencian que la población negra presenta mayores tasas de trastornos mentales, como depresión y ansiedad, debido a la exposición a desigualdades socioeconómicas, discriminación racial y violencia institucional. Además, existe un subregistro de estos casos y una menor adherencia a los tratamientos disponibles, frecuentemente relacionada con la falta de representatividad y de preparación de los profesionales de la salud para abordar las cuestiones raciales. Se concluye que es necesario implementar políticas públicas más eficaces para promover la equidad en salud, así como estrategias para sensibilizar a los profesionales y fortalecer el apoyo psicosocial.

**Palabras clave:** Salud de la población. Trastornos mentales. Desigualdades étnicas.

## INTRODUÇÃO

A saúde mental da população negra no Brasil tem sido um tema de crescente interesse na psiquiatria, especialmente diante do reconhecimento dos impactos do racismo estrutural sobre o bem-estar psicológico. Essa população enfrenta maiores índices de transtornos mentais, como depressão, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático, muitas vezes associados à vivência contínua de discriminação racial e desigualdades socioeconômicas. No entanto, apesar da relevância do tema, a literatura psiquiátrica brasileira ainda apresenta lacunas quanto à compreensão dos fatores específicos que influenciam o adoecimento mental da população negra e as barreiras enfrentadas no acesso ao tratamento adequado (Silva; Carneiro *et al.*, 2023).

A justificativa para este estudo baseia-se na necessidade de aprofundar a discussão sobre como o racismo estrutural impacta o acesso, a permanência e a efetividade do tratamento psiquiátrico para pessoas negras no Brasil. A Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) e o Conselho Federal de Medicina (CFM) reforçam a importância de políticas de equidade na saúde mental, destacando a necessidade de capacitação profissional e adaptação dos serviços de saúde para atender adequadamente as especificidades da população negra (Prado *et al.*, 2022).

Do ponto de vista teórico, este estudo se apoia nos conceitos de racismo estrutural, determinantes sociais da saúde e interseccionalidade. A perspectiva do racismo estrutural, destaca que as desigualdades raciais não se limitam a atos isolados de preconceito, mas são perpetuadas por instituições e políticas que dificultam o acesso da população negra a direitos fundamentais, incluindo o cuidado psiquiátrico. Os determinantes sociais da saúde, demonstram como fatores como renda, moradia, educação e acesso aos serviços de saúde influenciam a prevalência de transtornos mentais (Almeida, 2019).

Já a interseccionalidade, auxilia na compreensão das múltiplas opressões que atravessam a experiência de indivíduos negros, considerando também gênero, classe e outras formas de desigualdade. A população negra apresenta menor adesão ao tratamento psiquiátrico, seja pelo desconhecimento dos serviços, seja pela desconfiança na relação com os profissionais de saúde. Experiências de discriminação racial no ambiente médico-psiquiátrico contribuem para uma evasão precoce do tratamento (Pereira; Magalhães, 2023).

Além disso, pesquisas conduzidas por psiquiatras brasileiros, como os trabalhos de Lilian L'Abbate e Manoel Tosta Berlinck, evidenciam a necessidade de um olhar ampliado sobre os transtornos mentais que considere o impacto do racismo como fator de risco para o adoecimento psíquico. A ABP e o CFM têm enfatizado a necessidade de mudanças estruturais na formação médica e psiquiátrica para que os profissionais estejam preparados para lidar com as especificidades da saúde mental da população negra (David, 2022).

No entanto, ainda são escassos os programas de capacitação voltados para esse tema, o que compromete a qualidade do atendimento e a capacidade dos profissionais de identificar e tratar adequadamente os impactos psicossociais do racismo. A ausência de representatividade racial entre os próprios profissionais de saúde também é um fator que influencia na percepção de acolhimento e confiança dos pacientes negros no sistema de saúde. O objetivo deste estudo é analisar os desafios da população negra no acesso ao tratamento psiquiátrico no Brasil, explorando as barreiras que dificultam o cuidado adequado (Lima *et al.*, 2021).

Ao dar visibilidade a esse tema, pretende-se fortalecer a construção de um modelo de cuidado em saúde mental que reconheça as especificidades da experiência racial e que seja capaz de oferecer um tratamento mais efetivo e acolhedor para a população negra. Dessa forma, a abordagem psiquiátrica precisa se atualizar para considerar o impacto do racismo na saúde mental e desenvolver estratégias que

combatam essas desigualdades. O reconhecimento do peso invisível que o racismo impõe à população negra no Brasil é um passo essencial para transformar a prática psiquiátrica (Lima; Paz, 2021).

## MÉTODO

Este estudo se trata de uma revisão integrativa da literatura, de abordagem metodológica ampla, que permite a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma inteira compreensão do fenômeno estudado.

Esta, em específico, foi desenvolvida diante seis etapas: I. Definição do tema e elaboração da questão norteadora; II. Estabelecimento dos critérios de elegibilidade; III. Busca nas bases de dados; IV. Definição de informações que seriam extraídas dos materiais

encontrados; V. Avaliação e interpretação dos resultados; VI. Síntese do conhecimento (Souza; Silva; Carvalho 2010).

A pergunta de pesquisa foi formulada a partir da estratégia PICo, tendo por objetivo analisar os fatores que influenciam a saúde mental dessa população, destacando as barreiras de acesso aos serviços de saúde e os desafios enfrentados no enfrentamento do adoecimento psíquico.

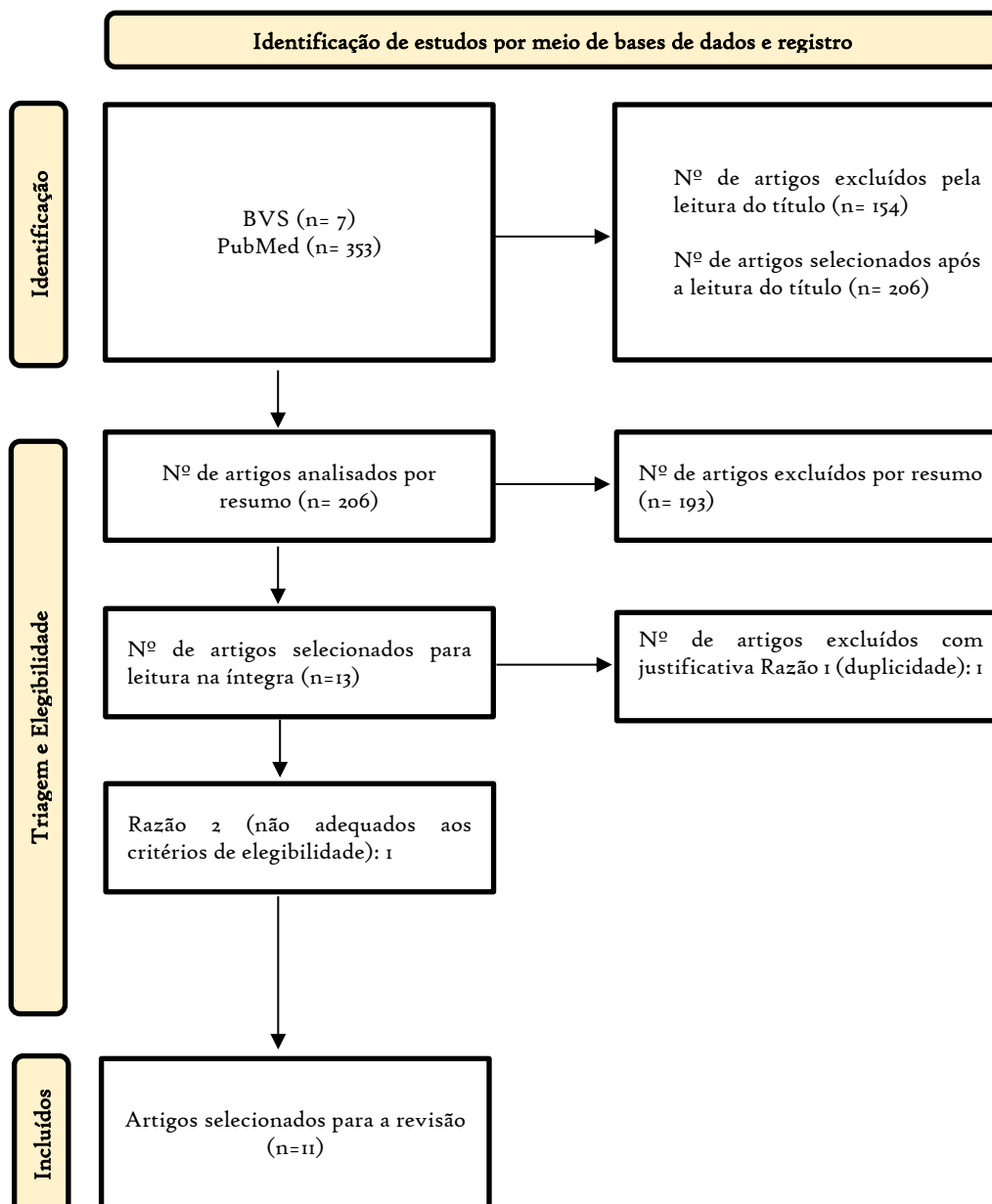
Neste estudo a estratégia PICo considerou (P – População; I – Interesse; Co – Contexto), na qual, P = Indivíduos negros no Brasil, I = Desafios no acesso, permanência e qualidade do tratamento psiquiátrico, Co = Campo da psiquiatria brasileira. Com isso, a indagação norteadora consiste em: Como o racismo estrutural influencia o acesso, a adesão e a qualidade do atendimento psiquiátrico para a população negra no Brasil, e quais estratégias podem ser adotadas para promover uma assistência mais equitativa e eficaz?

Realizada no mês de março de 2025 objetivando a coleta de artigos científicos nacionais e internacionais, a busca foi dada nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), PubMed, Portal de Periódicos Capes e a Cochrane. Na BVS foram utilizados os descritores: “Saúde da população”, “Transtornos mentais” e “Desigualdades étnicas”. Já na PubMed foram utilizados os descritores “Population health”, “Mental disorders” e “Ethnic inequalities”, sendo usado o operador booleano “and” entre os descritores em todas as bases de dados.

Foram incluídos artigos publicados em inglês, português e espanhol, entre 2020 e 2025, visto que se caracteriza como uma temática pouco discutida e que apresenta estudos significativos inseridos nessa margem de tempo. Estudos de dados primários e sistemáticos e/ou metanálises também foram considerados. A inclusão desses se deu por serem de elevado nível de evidência, bem como representam revisões de estudos clínicos significativos no estudo hodierno. Foram excluídos artigos que não respondem à indagação do estudo, que apresentam literatura cinzenta e estudos secundários (exceto as revisões já citadas).

A seleção dos artigos pode ser verificada através do fluxograma, com as recomendações do PRISMA (Page *et al.*, 2021).

**Figura 1.** Fluxograma PRISMA detalhado do processo de seleção dos estudos.



Fonte: autoria própria (2025).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Características gerais dos estudos incluídos

Nesta revisão integrativa, foram incluídos 11 estudos publicados entre 2020 e 2025, abordando a saúde mental da população negra. Os artigos analisados foram extraídos exclusivamente da base de dados PubMed e BVS e incluíram ensaios clínicos randomizados, estudos observacionais e meta-análises, refletindo um panorama robusto e atualizado sobre o tema.

A população negra no Brasil apresenta uma maior vulnerabilidade a transtornos mentais, como depressão, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático, frequentemente associados às experiências contínuas de discriminação racial e às desigualdades socioeconômicas. No entanto, essa população enfrenta diversas barreiras no acesso ao tratamento psiquiátrico, incluindo a baixa representatividade racial entre os profissionais de saúde, a falta de capacitação para abordar questões raciais na prática clínica e a subnotificação dos transtornos mentais, o que dificulta tanto o diagnóstico quanto a adesão ao tratamento (Moreira; Costa; Santos, 2024).

**Tabela 1.** Principais achados dos estudos incluídos

Estudo	Objetivo	Vulnerabilidade aos transtornos mentais	Barreiras no acesso ao tratamento	Impacto do racismo estrutural
Silva (2021).	Analisar como o racismo afeta a saúde mental da população negra.	Relata a baixa autoestima e sofrimento psíquico gerado pela discriminação.	Profissionais e despreparados para atender demandas específicas.	Demonstra como o racismo estrutural contribui para o adoecimento mental.
Santana (2021).	Identificar formas de racismo institucional no SUS.	Relata desigualdade no tratamento psiquiátrico oferecido.	Aponta o despreparo da rede pública em lidar com questões raciais.	Demonstra a negligência e a invisibilização da população negra no SUS.
Rosa; Alves (2021).	Analisar dados sobre a saúde da população negra no Brasil.	Aponta alta prevalência de transtornos mentais.	Baixa procura por serviços de saúde mental devido à	Falta de representatividade racial entre

		ansiedade e depressão.	e	desconfiança no sistema.	no	profissionais de saúde.
Santos (2021).	Apresentar estatísticas sobre a saúde mental no Brasil.	Destaca a disparidade entre brancos e negros na saúde mental.	a	Falta de acolhimento adequado nos serviços públicos.	de	Racismo estrutural gera desconfiança e menor adesão ao tratamento.
Prado <i>et al.</i> , (2022).	Identificar a produção acadêmica sobre saúde mental da população negra.	Escassez de estudos sobre sofrimento psíquico causado pelo racismo.	a	Falta de programas de saúde mental específicos para essa população.		Invisibilização da população negra no debate sobre políticas de saúde mental.
Silva; Carneiro (2023).	Discutir a precarização da saúde mental da população negra.	Sufrimento psíquico relacionado à pobreza e exclusão social.	a	SUS não oferece assistência culturalmente sensível.		Racismo estrutural perpetua desigualdades no acesso à saúde.
Santos (2023).	Discutir o aumento dos afastamentos por transtornos mentais no Brasil.	População negra está entre as mais afetadas pelo aumento dos transtornos mentais.		Desigualdade no acesso diagnóstico e tratamento especializado.	no	Racismo impacta diretamente a saúde emocional e a qualidade de vida.
Moreira; Costa; Santos (2024).	Identificar a produção científica sobre promoção da saúde mental para negros no Brasil.	Destaca a necessidade de atenção à saúde mental da população negra.	a	Aponta a escassez de serviços especializados.		Não abordado diretamente.
Coelho; Campos (2024).	Revisar o crescimento das pesquisas sobre saúde da população negra no Brasil.	Evidencia a alta prevalência de transtornos mentais devido às desigualdades sociais.		Falta de políticas públicas direcionadas.		Ressalta a exclusão da população negra das pesquisas de saúde.

Santos <i>et al.</i> , (2024).	Refletir sobre o impacto do racismo estrutural na saúde dos adolescentes afrodescendentes brasileiros.	Indica impacto psicológico do racismo desde a infância.	Indica maior vulnerabilidade da população negra a transtornos emocionais.	Falta de diagnóstico adequado e subnotificação de transtornos mentais.	Racismo e institucional prejudica o reconhecimento e tratamento dos sintomas.
Souza <i>et al.</i> , (2024).	Apresentar dados sobre a saúde da população negra no Brasil.	Indica maior vulnerabilidade da população negra a transtornos emocionais.	Indica maior vulnerabilidade da população negra a transtornos emocionais.	Serviços de saúde não reconhecem as demandas específicas desse grupo.	Políticas públicas ainda são insuficientes para reduzir desigualdades.

**Fonte:** autoria própria (2025).

### Vulnerabilidade aos Transtornos Mentais

A maior vulnerabilidade da população negra a transtornos mentais pode ser compreendida a partir de fatores multifatoriais, incluindo determinantes sociais da saúde, desigualdades socioeconômicas e barreiras estruturais no acesso à saúde. A literatura médica destaca que fatores socioeconômicos desempenham um papel fundamental na saúde mental. Indivíduos em condições de maior vulnerabilidade socioeconômica estão mais expostos a estressores crônicos, como insegurança financeira, habitação precária e menor acesso à educação e saúde de qualidade (Silva, 2021).

A população negra no Brasil, em média, apresenta menores índices de escolaridade, renda e acesso a empregos formais, o que contribui para o aumento do risco de transtornos mentais como ansiedade e depressão. A exposição a eventos adversos ao longo da vida, como discriminação, dificuldades no mercado de trabalho e maior incidência de violência interpessoal, pode levar a um estado de hiperativação do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (HHA), um dos principais mecanismos fisiológicos envolvidos no desenvolvimento de transtornos psiquiátricos (Santana, 2021).

Esse estresse prolongado pode estar associado ao aumento da prevalência de transtornos de ansiedade generalizada, transtorno do estresse pós-traumático e depressão na população negra. Outro fator relevante é a dificuldade no acesso aos serviços de saúde mental. A população negra enfrenta maiores barreiras na busca por atendimento psiquiátrico, seja pela oferta

insuficiente de serviços públicos especializados, seja por questões culturais e sociais que dificultam a adesão ao tratamento. Além disso, há relatos na literatura sobre a subdiagnóstica de transtornos psiquiátricos nesse grupo (Rosa; Alves, 2021).

Embora o ambiente tenha um impacto significativo na saúde mental, fatores neurobiológicos e genéticos também são considerados na literatura médica. Algumas populações podem apresentar variações genéticas em receptores de neurotransmissores, como os de serotonina e dopamina, que modulam a resposta ao estresse e à regulação emocional. No entanto, as evidências sobre diferenças genéticas entre grupos raciais ainda são inconclusivas e não devem ser interpretadas isoladamente, sem considerar o impacto dos fatores ambientais (Santos, 2021).

A psiquiatria brasileira tem avançado na compreensão das especificidades da saúde mental da população negra. Instituições como ABP e o CFM têm incentivado discussões sobre a necessidade de políticas públicas mais inclusivas para o atendimento psiquiátrico. Entretanto, ainda há um déficit na produção científica nacional voltada especificamente para a interseção entre raça e saúde mental, o que reforça a importância de novos estudos para embasar estratégias de prevenção e intervenção eficazes (Prado *et al.*, 2022).

### **Barreiras no acesso ao tratamento psiquiátrico**

O acesso ao tratamento psiquiátrico no Brasil é um desafio para toda a população, especificamente para a população negra, a qual enfrenta dificuldades adicionais. Essas barreiras podem ser classificadas em estruturais (falta de serviços disponíveis), institucionais (baixa qualificação profissional para atender a diversidade racial) e individuais (desconfiança no sistema de saúde, barreiras financeiras e culturais) (Silva; Carneiro, 2023).

O Brasil apresenta um déficit significativo de serviços de saúde mental, especialmente no Sistema Único de Saúde (SUS). Apenas 43% dos municípios brasileiros possuem Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), unidades essenciais para o atendimento psiquiátrico especializado. Esse déficit afeta diretamente a população negra, que depende majoritariamente do SUS para acesso à saúde (Santos, 2023).

A população negra compõe aproximadamente 67% dos usuários do SUS. No entanto, há uma subutilização dos serviços de saúde mental por essa população, possivelmente devido à menor disponibilidade de unidades especializadas em áreas periféricas e ao desconhecimento

sobre os serviços oferecidos. Vale salientar que o Brasil tem cerca de 10 mil psiquiatras, o que representa uma média de 4,5 psiquiatras para cada 100 mil habitantes, número inferior ao recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que sugere pelo menos 10 por 100 mil habitantes (Moreira; Costa; Santos, 2024).

Como a população negra está mais concentrada em regiões historicamente negligenciadas em termos de infraestrutura médica, essa desigualdade no número de psiquiatras agrava as dificuldades de acesso. Outro fator relevante é a escassez de profissionais negros na psiquiatria. Apenas 14% dos psiquiatras do país se identificam como negros. Esse dado pode contribuir para um afastamento da população negra dos serviços psiquiátricos, visto que a presença de profissionais de referência pode aumentar a adesão ao tratamento (Coelho; Campos, 2024).

A população negra tem um maior risco de não receber um diagnóstico precoce para transtornos psiquiátricos. Pacientes negros com depressão ou transtornos de ansiedade têm 30% menos chances de serem diagnosticados corretamente na primeira consulta em comparação com pacientes brancos. Além disso, há evidências de que certos transtornos psiquiátricos são frequentemente subdiagnosticados na população negra. O Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), altamente prevalente em vítimas de violência urbana, é menos identificado em negros, mesmo quando apresentam os mesmos sintomas (Santos *et al.*, 2024).

11

Esse fator leva a um menor encaminhamento para tratamento especializado e pode resultar na cronificação da doença. A condição econômica é um fator determinante no acesso ao tratamento psiquiátrico, uma vez que, 75% da população negra no Brasil tem renda mensal de até dois salários-mínimos, tornando inviável o custeio de tratamentos particulares, que podem variar entre R\$ 300 e R\$ 800 por consulta psiquiátrica. Além disso, há restrições no fornecimento de medicamentos psiquiátricos pelo SUS. Antidepressivos e ansiolíticos são fornecidos apenas em determinadas condições, e fármacos de última geração (Souza *et al.*, 2024).

Aproximadamente, 40% dos pacientes que recebem prescrição de medicamentos psiquiátricos no SUS não conseguem retirar todos os remédios recomendados, prejudicando a adesão ao tratamento. Há uma desconfiança histórica da população negra em relação ao sistema de saúde. Outrossim, 35% dos pacientes negros relataram já ter sofrido alguma forma de discriminação em atendimentos de saúde, o que pode gerar resistência na busca por cuidados

psiquiátricos. Além disso, em algumas comunidades negras, há uma visão cultural que associa a saúde mental a fatores espirituais ou morais (Silva, 2021).

Ademais 27% dos entrevistados negros relataram buscar primeiro apoio religioso antes de procurar atendimento médico para sintomas psiquiátricos. Os dados epidemiológicos indicam que as barreiras no acesso ao tratamento psiquiátrico da população negra no Brasil são resultado de múltiplos fatores, incluindo a oferta insuficiente de serviços especializados, desigualdades regionais na distribuição de psiquiatras, dificuldades econômicas e fatores culturais. Esses desafios contribuem para um menor diagnóstico precoce e uma menor adesão ao tratamento, resultando em piores desfechos clínicos (Santana, 2021).

A ampliação do acesso aos serviços psiquiátricos no SUS, a capacitação de profissionais para atender a diversidade racial e o combate à subnotificação de transtornos mentais são estratégias essenciais para mitigar essas desigualdades e garantir um atendimento mais equitativo e eficaz para toda a população (Rosa; Alves, 2021).

**Tabela 2.** Barreiras no acesso ao tratamento psiquiátrico da população negra no Brasil

Barreira	Descrição	Dados Epidemiológicos
Oferta Insuficiente de Serviços Psiquiátricos no SUS	Falta de unidades especializadas em saúde mental, especialmente em regiões periféricas.	Apenas 43% dos municípios possuem CAPS. A população negra compõe 67% dos usuários do SUS.
Escassez de Psiquiatras e Disparidades Regionais	Distribuição desigual de psiquiatras pelo Brasil, afetando especialmente o Norte e Nordeste.	Média de 4,5 psiquiatras por 100 mil habitantes, abaixo da recomendação da OMS (10/100 mil).
Baixa Representatividade de Psiquiatras Negros	Falta de profissionais negros na psiquiatria pode impactar a adesão ao tratamento.	Apenas 14% dos psiquiatras brasileiros são negros.
Diagnóstico Tardio e Subnotificação de Transtornos Mentais	Transtornos como depressão e TEPT são menos diagnosticados em pacientes negros.	Pacientes negros têm 30% menos chances de diagnóstico correto na primeira consulta.

Barreiras Financeiras e Desigualdade Socioeconômica	População negra tem menos condições de arcar com tratamentos psiquiátricos privados.	75% da população negra recebe até 2 salários-mínimos. Consultas particulares variam entre R\$ 300 e R\$ 800.
Falta de Medicamentos Psiquiátricos no SUS	Antidepressivos e ansiolíticos nem sempre estão disponíveis na rede pública.	40% dos pacientes do SUS não conseguem retirar todos os remédios prescritos.
Desconfiança no Sistema de Saúde	Histórico de discriminação e preconceito em atendimentos de saúde.	35% dos pacientes negros relataram experiências de discriminação.
Influências Culturais e Alternativas Religiosas	Algumas comunidades negras buscam primeiro apoio religioso antes do atendimento médico.	27% dos negros entrevistados procuram apoio religioso antes de buscar psiquiatras.

Fonte: dados da pesquisa (2025).

### Impacto do Racismo Estrutural na Saúde Mental: Uma Perspectiva Clínica

O racismo estrutural se manifesta de forma sistêmica, influenciando negativamente diversos determinantes sociais da saúde e, conseqüentemente, a saúde mental da população negra. No campo da psiquiatria, seus efeitos podem ser observados em três eixos principais: diferenças na prevalência de transtornos mentais, desafios no diagnóstico e dificuldades no acesso e adesão ao tratamento. Indivíduos negros são mais suscetíveis a transtornos psiquiátricos devido a uma exposição prolongada a estressores psicossociais, como desigualdade socioeconômica, discriminação racial e violência urbana (Santos, 2021).

A população negra no Brasil apresenta um risco 20% maior de desenvolver depressão e um risco 30% maior de TEPT quando comparada à população branca, mesmo em condições socioeconômicas semelhantes. O impacto do racismo estrutural na saúde mental pode ser analisado sob a ótica da hiperativação do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (HHA), responsável pela resposta ao estresse. A exposição contínua à discriminação pode levar a uma disfunção nesse eixo, aumentando a vulnerabilidade a transtornos de ansiedade e depressão (Prado *et al.*, 2022).

A prática psiquiátrica enfrenta desafios significativos na avaliação e diagnóstico da população negra. A literatura científica destaca que profissionais de saúde mental podem apresentar vieses inconscientes que afetam a precisão diagnóstica. Pacientes negros com transtornos do humor são 25% mais propensos a serem diagnosticados erroneamente com transtorno de personalidade ou esquizofrenia, enquanto pacientes brancos com sintomas semelhantes recebem mais frequentemente diagnósticos de depressão ou transtorno bipolar (Silva; Carneiro, 2023).

Um dos principais desafios é a tendência a superdiagnosticar transtornos psicóticos na população negra e subdiagnosticar transtornos afetivos. Médicos podem interpretar de forma diferente sintomas de desconfiança, retraimento social ou dificuldades emocionais quando apresentados por pacientes negros, resultando em um maior número de diagnósticos de esquizofrenia. Esse viés diagnóstico pode impactar negativamente a escolha do tratamento, levando à prescrição de antipsicóticos em detrimento de antidepressivos ou estabilizadores de humor quando estes últimos seriam mais adequados (Santos, 2023).

A literatura médica aponta que a população negra pode enfrentar diferenças no tipo de tratamento psiquiátrico oferecido. Pacientes negros diagnosticados com transtornos psiquiátricos recebem menos prescrições de inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRS) e mais prescrições de antipsicóticos típicos em comparação a pacientes brancos com sintomas semelhantes. Essa tendência pode resultar em um tratamento menos eficaz e em maior incidência de efeitos colaterais, como sintomas extrapiramidais (Moreira; Costa; Santos, 2024).

Além disso, a baixa adesão ao tratamento psiquiátrico também é uma realidade para essa população, tendo em vista que mais de 40% dos pacientes negros abandonam o tratamento psiquiátrico nos primeiros seis meses, frequentemente devido a dificuldades no acesso contínuo a medicamentos, desconfiança no sistema de saúde e falta de suporte psicossocial adequado. Outro impacto do racismo estrutural na saúde mental está relacionado à psicoterapia (Coelho; Campos, 2024).

Além disso, 55% dos pacientes negros entrevistados relataram sentir que seus terapeutas minimizavam ou ignoravam questões relacionadas ao racismo durante as sessões, o que pode comprometer a eficácia do tratamento. Outrossim, há uma menor representação de profissionais negros na psiquiatria e psicologia, o que pode afetar a criação de vínculos terapêuticos. Apenas 14% dos psiquiatras e 20% dos psicólogos se identificam como negros, o

que pode levar à falta de profissionais culturalmente sensíveis às especificidades dessa população (Santos *et al.*, 2024).

Diante dos desafios mencionados, a psiquiatria brasileira tem buscado estratégias para reduzir as desigualdades no atendimento à população negra por meio de capacitações para profissionais de saúde mental, enfatizando a necessidade de abordagens clínicas mais equitativas. Algumas estratégias incluem: capacitação de profissionais para evitar vieses diagnósticos e aprimorar a escuta qualificada, ampliação do acesso a serviços especializados em regiões periféricas, onde a população negra está mais concentrada, incentivo à diversidade na formação médica, promovendo maior inclusão de profissionais negros na psiquiatria, incorporação da interseccionalidade na abordagem psiquiátrica, considerando fatores raciais, sociais e econômicos na formulação de diagnósticos e tratamentos (Souza *et al.*, 2024).

O impacto do racismo estrutural na saúde mental da população negra se reflete na maior vulnerabilidade a transtornos psiquiátricos, nos desafios diagnósticos, nas diferenças na prescrição de tratamentos e nas barreiras no acesso e adesão ao cuidado psiquiátrico. A prática clínica precisa estar atenta a esses fatores para garantir que pacientes negros recebam um atendimento justo, embasado em critérios técnicos e livres de vieses inconscientes (Silva, 2021).

A psiquiatria brasileira tem avançado no reconhecimento dessas desigualdades, mas ainda há um longo caminho a percorrer para garantir um sistema de saúde mental verdadeiramente inclusivo e acessível. A adoção de abordagens baseadas em evidências, aliadas a políticas públicas voltadas para a equidade na saúde, são essenciais para reduzir essas disparidades e garantir que todos os pacientes tenham acesso a um tratamento adequado e eficaz (Santana, 2021).

**Tabela 3.** Impacto do racismo estrutural na saúde mental com enfoque na perspectiva clínica

Categoria	Descrição	Dados Epidemiológicos
-----------	-----------	-----------------------

Maior vulnerabilidade a transtornos psiquiátricos	Indivíduos negros apresentam maior risco de desenvolver transtornos como depressão, ansiedade e TEPT devido a estressores psicossociais crônicos.	Risco 20% maior de depressão e 30% maior de TEPT em comparação à população branca.
Hiperativação do eixo HHA	Exposição contínua à discriminação leva a disfunção no eixo hipotálamo-hipófise-adrenal, aumentando a resposta ao estresse e o risco de transtornos mentais.	Indivíduos negros expostos a discriminação frequente apresentam níveis elevados de cortisol.
Vieses no diagnóstico psiquiátrico	Pacientes negros são mais propensos a receber diagnósticos errôneos de transtornos psicóticos e menos de transtornos afetivos.	Indivíduos negros têm 25% mais chance de serem diagnosticados com esquizofrenia, enquanto brancos são mais diagnosticados com transtornos do humor.

**Fonte:** dados da pesquisa (2025).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidenciou que a população negra no Brasil enfrenta desafios significativos no campo da saúde mental, influenciados pelo racismo estrutural. Os principais achados apontam para uma maior vulnerabilidade a transtornos psiquiátricos, como depressão, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático, decorrente da exposição crônica a estressores sociais, econômicos e ambientais. Além disso, foi identificado um viés diagnóstico na psiquiatria, resultando em um maior número de diagnósticos de transtornos psicóticos entre pacientes negros e menor reconhecimento de transtornos do humor, o que pode impactar negativamente a escolha terapêutica e os desfechos clínicos.

Outra questão relevante identificada é a desigualdade no acesso ao tratamento psiquiátrico. Dados epidemiológicos demonstram que pacientes negros recebem menos prescrições de antidepressivos e maior uso de antipsicóticos típicos, além de enfrentarem barreiras na adesão ao tratamento, seja por dificuldades financeiras, desconfiança no sistema de saúde ou falta de acolhimento adequado nos serviços de saúde mental. A baixa

representatividade de profissionais negros na psiquiatria e a ausência de abordagens culturalmente sensíveis na psicoterapia também foram apontadas como fatores que impactam a efetividade do cuidado.

Entre as limitações do estudo, destaca-se a escassez de pesquisas nacionais que abordem de forma sistemática a interseção entre raça e saúde mental na psiquiatria brasileira. Muitas das evidências analisadas foram baseadas em dados internacionais ou em estudos locais de pequena escala, o que reforça a necessidade de ampliação de investigações no contexto brasileiro. Outra limitação é a dificuldade de avaliar o impacto de programas específicos de equidade racial na saúde mental, uma vez que há poucas iniciativas implementadas de maneira sistemática e com avaliação de longo prazo.

As implicações para pesquisas futuras incluem a necessidade de estudos longitudinais que acompanhem a trajetória de pacientes negros no sistema de saúde mental, explorando fatores que influenciam o diagnóstico, o tratamento e os desfechos clínicos. Além disso, investigações que avaliem intervenções baseadas em políticas públicas voltadas para a redução das desigualdades raciais na saúde mental são fundamentais para direcionar estratégias eficazes.

Como contribuição, este estudo reforça a importância de uma psiquiatria mais equitativa, baseada em evidências e livre de vieses inconscientes. A ampliação de programas de capacitação profissional, o incentivo à diversidade na formação médica e a implementação de políticas públicas que garantam maior acesso a serviços psiquiátricos de qualidade são caminhos essenciais para reduzir as desigualdades identificadas. Dessa forma, espera-se que este trabalho possa subsidiar futuras pesquisas e ações voltadas para a melhoria da assistência psiquiátrica à população negra no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural** / Silvio Luiz de Almeida. -- São Paulo: Sueli

Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. Disponível em: [https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo\\_estrutural\\_feminismos\\_-\\_silvio\\_luiz\\_de\\_almeida.pdf](https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo_estrutural_feminismos_-_silvio_luiz_de_almeida.pdf) Acesso em: 27 mar. 2025.

COELHO, R.; CAMPOS, G. O campo de estudos sobre saúde da população negra no Brasil: uma revisão sistemática das últimas três décadas. **Saúde e Sociedade**, v. 33, n. 1, 1 jan. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902024220754pt> Acesso em: 29 mar. 2025.

DAVID, E. de. C. **Saúde mental e racismo: saberes e saber-fazer desnordeado na/para a Reforma Psiquiátrica brasileira antimanicomial.** 2022. 209 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social. 2022. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/30911/1/Emiliano%20de%20Camargo%20David.pdf> Acesso em: 27 mar. 2025.

LIMA, M.; COUTINHO, D.; BUSTAMANTE, V.; AIRES, S.; PATIÑO, R. Saúde mental, atravessamentos políticos e raciais no cuidado e no processo de trabalho. **Pensar junto/fazer com: saúde mental na pandemia de covid-19**, v. 7, n. 1, p. 330-421, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786556305219> Acesso em: 27 mar. 2025.

LIMA, L.; PAZ, F. P. C. A morte como horizonte? Notas sobre suicídio, racismo e necropolítica. **Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFJF**, v. 16 n. 1 junho, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/30795/23127> Acesso em: 27 mar. 2025.

MOREIRA, N. M.; COSTA, I. I. da.; SANTOS, J. E. dos. Promoção em Saúde Mental da População Negra Brasileira, um Levantamento Bibliográfico. **Estud. pesqui. Psicol**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 667-688, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2023.77704> Acesso em: 27 mar. 2025.

PRADO, C. C.; NASCIMENTO, D. S.; CADER-NASCIMENTO, F. A. A.; FERREIRA, L. O. A. Fatores promotores de sofrimento psíquico na população negra em vulnerabilidade social. **Psi Unisc**, v. 6, n. 1, p. 48-68, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17058/psiunisc.v6i1.16456> Acesso em: 27 mar. 2025.

PEREIRA, A. DOS S.; MAGALHÃES, L. Os impactos dos racismos nas ocupações da população negra: reflexões para a terapia e a ciência ocupacional. **Saúde e Sociedade**, v. 32, n. 2, p. e220400pt, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902023220400pt> Acesso em: 27 mar. 2025.

PAGE, M. J.; MCKENZIE, J. E.; BOSSUYT, P. M.; BOUTRON, I.; HOFFMANN, T. C.; MULROW, C. D.; SHAMSEER, L *et al.* The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **International journal of surgery**, v. 88, p. 105906, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmj.n71> Acesso em: 27 mar. 2025.

ROSA, E. G. da.; ALVES, M. C. Estilhaçando a Máscara do Silenciamento: Movimentos de (Re)Existência de Estudantes Negros/Negras. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, n. 1, p. e229978, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003229978> Acesso em: 28 mar. 2025.

SILVA, A. C. B.; CARNEIRO, S. Dispositivo de racialidade e saúde mental da população negra: algumas reflexões políticas e psicanalíticas. **Psicologia & Sociedade**, v. 35, p. e276440, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2023v35e276440> Acesso em: 27 mar. 2025.

SOUZA, M. T. de.; SILVA, M. D. da.; CARVALHO, R. de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein** (São Paulo), v. 8, p. 102-106, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 27 mar. 2025.

SILVA, A. V. da. Impactos do racismo na saúde mental da população negra: revisão integrativa de literatura. **ColecionaSUS**, v. 9, n. 1, p. 31-31, 2021. Disponível em: [https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1247790?utm\\_source.com](https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1247790?utm_source.com) Acesso em: 28 mar. 2025.

SANTANA, E. F. de. **Racismo institucional no SUS e saúde da população negra**. 2021. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação Latu Sensu em Psicologia, Avaliação e Atenção à Saúde) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências da Saúde, Santo Antônio de Jesus, 2021. Disponível em: [https://ri.ufrb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2811/1/Racismo\\_Institucional\\_SUS\\_TCC\\_2021.pdf?utm\\_source=](https://ri.ufrb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2811/1/Racismo_Institucional_SUS_TCC_2021.pdf?utm_source=) Acesso em: 28 mar. 2025.

SANTOS, M. S. dos. **Políticas públicas, vulnerabilidade social e seus efeitos na saúde mental da população negra em um município do Recôncavo da Bahia**. 2021. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicologia, Avaliação e Atenção à Saúde) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2021. Disponível em: <http://ri.ufrb.edu.br/jspui/handle/123456789/2805> Acesso em: 28 mar. 2025.

SANTOS, L. S. **Racismo e saúde mental da população negra: o quesito raça/cor e os dados epidemiológicos sobre suicídio no Tocantins de 2016 a 2020**. 2023. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal do Tocantins, Miracema, 2023. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/5356/1/Lara%20Sousa%20Santos%20-%20Artigo%20de%20gradua%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 28 mar. 2025.

SANTOS, S. G. dos.; NUNES, A. C. S.; ALMEIDA, A. C. S. de.; SOUZA, C. R. de.; MARTINS, M. C. A. S. G.; SANTANA, M. S. de *et al.* Novembro negro: promoção de saúde mental à população negra em uma universidade pública relato de experiência. **Diálogos sobre interseccionalidade e saúde mental**, v. 1, n. 2, p. 172-180, 2024. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/novembro-negropromocao-de-saude-mental-a-populacao-negra-em-uma-universidade-publica-relato-de-experiencia> Acesso em: 29 mar. 2025.

SOUZA, I. M. de.; ANUNCIAÇÃO, D.; ARAÚJO, E. M. de.; SILVA, H. P. de.; PEREIRA, L. L. NUNES, A. P. N *et al.* Saúde da População Negra: desafios para a construção da equidade em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, p. e00142024, 4 mar. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232024293.00142024> Acesso em: 29 mar. 2025.